

# DIÁLOGOS: reflexões sobre a concepção de infância na contemporaneidade

## DIALOGUES: reflections on the conception of childhood in contemporary times

*Daiane Machado Kaizer<sup>1</sup>*

*Raquel Dilly Konrath<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este artigo, de cunho bibliográfico, tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre a concepção de infância do século XXI. Expõe reflexões sobre a infância na contemporaneidade, elencando as principais modificações em relação à concepção de criança e infância da pós-modernidade, destacando como principais influenciadores desse novo “tempo” o consumo, a mídia e a tecnologia. Assim, buscar-se-á refletir sobre a importância da criança relacionar-se e interagir de maneira equilibrada com o mundo tecnológico e aparatos eletrônicos, com os momentos de brincadeiras livres, de integração com a natureza, de criação e estabelecimento de relações mútuas com outras crianças e adultos, elementos tão fundamentais, que bruscamente estão sendo desconsiderados na era pós-moderna.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade. Criança. Concepções de infância.

**Abstract:** The purpose of this article is to present some considerations about the conception of childhood in the 21st century. It offers reflections on childhood in the contemporary world, listing the main changes in relation to the conception of children and infants in postmodernity and highlighting consumption, media and technology as the main influencers of this new “time”. Thus, it reflects on the importance for children to relate and interact in a balanced way with the technological world and electronic devices by including moments of free play, integration with nature, creation and establishment of mutual relations with other children and adults, elements that are fundamental but are abruptly being disregarded in the postmodern era.

**Keywords:** Contemporaneity. Children. Conceptions of childhood.

### 1 INTRODUÇÃO

Pensar sobre “infância” na contemporaneidade nos remete a muitas reflexões. Dentre elas, a compreensão de fatos históricos, a partir dos quais se desencadeou o processo de mudança nas concepções de infância, que, conseqüentemente, continuam modificando-se, acarretando desafios para os pais e educadores.

Este artigo tem por objetivo refletir sobre algumas bases que sustentam a concepção de infância do século XXI, discorrendo sobre alguns fatores que influenciam direta e indiretamente as relações da criança contemporânea, bem como propor algumas estratégias a fim de auxiliar pais e educadores na educação e no desen-

volvimento da criança, equilibrando aspectos sociais, afetivos e intelectuais.

É importante destacar que

A infância que conhecemos, com a sociedade organizada em torno dela, sujeito de direitos, destinatária de afetos e preocupações, alvo de disputas e de proteção social, nem sempre existiu. A infância é um fenômeno caracteristicamente moderno, uma invenção da modernidade (DORNELLES; BUJES, 2012, p. 15).

Nesse sentido, a infância não é estanque, é um processo que construiu seu espaço a partir das transformações pelas quais passou e passa a sociedade, sendo

<sup>1</sup> Estudante do Curso de Pedagogia do Instituto Ivoti Ensino Superior/ISEI.

<sup>2</sup> Professora Mestre do Instituto Ivoti Ensino Superior/ ISEI e Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais pela Feevale/NH.

imprescindível (re) pensar sobre o modo de ver a criança, suas interações e a forma como se constitui em um mundo globalizado e tecnológico.

### 2 CONTEMPORANEIDADE: DE QUE INFÂNCIA ESTAMOS FALANDO?

O tempo linear da modernidade estica-se entre o passado que não pode durar e o futuro que não pode ser. Não há lugar para o meio-termo. À medida que flui, o tempo se achata num mar de miséria, de modo que o ponteiro pode flutuar (BAUMAN, 1999, p. 19).

Para pensar no período contemporâneo, faz-se necessário refletir sobre a passagem da modernidade para a pós-modernidade, seus marcos e as influências sobre a constituição de infância, verificando o que permeou essa etapa, bem como as suas preponderâncias para a atualidade.

Dorneles e Bujes (2012) abordam que a infância como etapa social e a criança vista como sujeito de direitos começaram a ser pensadas entre os séculos XVII e XVIII, onde primeiramente voltou-se um olhar para crianças bem pequenas, sendo que as demais faixas etárias não eram visualizadas como parte integrante da infância, ficando estas considerações para um segundo ou, quem sabe, terceiro plano.

Destacam as autoras que, ao longo do século XIX, novos modos de significar a infância foram surgindo, influenciados pela entrada da mulher no mercado de trabalho, pela invenção da imprensa, pelos estudos já realizados sobre essa faixa etária e pela necessidade dos sujeitos em afirmar-se como indivíduos autônomos, com direitos e liberdade, em uma sociedade mais aberta à troca de pensamentos e recheada de ideologias: a modernidade.

Com o avanço das fábricas, a modernização dos Estados, a sociedade inseriu-se em um novo tempo, desenvolvendo uma nova forma de ver o homem, que, por sua vez, necessitou se reinventar e se adaptar às novas mudanças, requerendo reflexões, a partir de uma nova forma de ver os indivíduos, caracterizando-se por um processo de “invenção”, “[...] que convencionou chamar de invenção do humano, um processo moderno, por excelência” (DORNELLES; BUJES, 2012, p. 18).

Porém, ao nos reportarmos à infância e suas concepções atuais, contemporâneas, é possível verificar que ainda não temos bases suficientes para compreender e tampouco conseguir resolver as lacunas do tempo passado, podendo, assim, definir com precisão de que infância estamos falando, uma vez que as concepções de

infância contemporâneas ainda são frutos da modernidade.

Bauman (2007) expõe que a passagem da fase “sólida” da modernidade para a sua fase “líquida”, a qual denomina “liquidez”, fruto de instabilidades na contemporaneidade, pode ser alegorizada como um viúvo de incertezas e mudanças constantes.

Destaca o autor:

Em primeiro lugar, a passagem da fase “sólida” da modernidade para a “líquida” - ou seja, para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las e, uma vez reorganizadas, para que se estabeleçam. É pouco provável que essas formas, quer já presentes ou apenas vislumbradas, tenham tempo suficiente para se estabelecer, e elas não podem servir como arcabouços de referência para as ações humanas, assim como para as estratégias existenciais a longo prazo, em razão de sua expectativa de vida curta: com efeito, uma expectativa mais curta que o tempo que leva para desenvolver uma estratégia coesa e consistente, e ainda mais curta que o necessário para a realização de um “projeto de vida” individual (BAUMAN, 2007, p. 7).

Entretanto, ao buscar olhar a criança contemporânea, primeiramente devemos nos propor considerar todo o aspecto histórico que a constituiu como sujeito, a “liquidez” moderna na qual a contemporaneidade vem buscando sustentar suas metas de curto e, quem sabe, longo prazo, observando que o consumo, a falta de tempo e a influência da mídia no transbordamento diário de informações que perpassam a sociedade mudaram nossa concepção quanto ao que denominamos de “tempo”. Assim, passa a ser necessário (re)pensar o que é fundamental para o desenvolvimento do sujeito autônomo e autoconsciente, de modo a não estereotipar uma infância mecânica e individualista.

Necessitamos compreender que o homem, e consequentemente a criança moderna que em muitas situações ainda buscamos, difere completamente da concepção contemporânea de humanidade, uma vez que, na etapa pós-moderna, “abriu os horizontes” para um novo jeito de ver e entender a criança, caracterizando-a como um indivíduo de valores, que pede respeito e pode ensinar, diferentemente do que se pensava e acreditava na modernidade.

Assim, “os seres humanos modernos foram produtos de novas formas de entendimento sobre o huma-

no, ativamente constituídas pelos discursos de sua época, frutos de relações de poder” (DORNELLES; BUJES, 2012, p. 24).

Nesse sentido, podemos dizer que a criança contemporânea é fruto da estruturação e constituição de um novo homem, que está envolvido em um novo contexto social, emocional e intelectual, que gira em torno de novas concepções e influências pós-modernas, sendo as principais delas o fluxo de informações e o avanço tecnológico.

### **3 UMA INFÂNCIA QUE SE REINVENTA?**

Se as crianças ganharam o mundo, com o qual são capazes de se conectar com rapidez, se elas encontram, ao alcance de uns poucos cliques, os seus amigos, mas também seus conhecidos virtuais, se elas se deparam com um outro mundo em que novos horizontes comunicacionais se abriram, se elas estão expostas a essas sedutoras tecnologias, não é de estranhar que tenham habilidades operacionais “tão diferentes” daquelas que faziam parte de nossas bagagens pessoais na idade delas (DORNELLES; BUJES, 2012, p.12).

As autoras nos remetem a uma nova concepção de infância, explanando uma visão de um “tempo” que se modificou e vem passando por um processo de reinvenção. Observamos e convivemos diariamente com crianças que são bombardeadas por informações através dos meios tecnológicos. Nesse novo tempo, relacionam-se com um mundo, pouco conhecido, porém totalmente aberto, o qual em apenas um clique as coloca em um universo de gigantescos caminhos e possibilidades: o mundo virtual.

Ao dissertarmos sobre a criança contemporânea, devemos levar em consideração o adulto que exerce influência sobre a sua constituição, pois como vamos falar, por exemplo, de uma infância que vem se modificando se não paramos para analisar que ela é constantemente influenciada e regida por um “tempo” que é exemplificado pelo adulto? Como queremos projetar a infância de que nós adultos fomos participantes, uma infância que se caracterizava por subir em árvores, andar pelos campos, observar que o leite saía da vaca, em uma infância onde a cultura inserida não é mais a mesma daquela época?

Também podemos refletir sob outro prisma: será que o que intitulamos de “infância” ainda é a mesma? Será que o “tempo” de hoje não é o mesmo “tempo” passado? Ou será que o que mudou não foram nossas prioridades e formas de ver o mundo? Partindo do exemplo, podemos analisar uma mudança: se em vez de subir e estimular as crianças a escalar árvores ou explicar-

lhes que o leite vem da vaca, será que, em seus primeiros anos de vida, ao receber um tablet e ao jogar um jogo virtual, imaginam ser um personagem que sobe em árvores e cuida da fazendinha?

Bauman (2007) caracteriza a pós-modernidade como uma era da incerteza, em que de certo modo as pessoas andam apagadas, colocando a culpa no tempo de que não dispõem para realizar o que desejam, resultando no que alguns autores contemporâneos da educação denominaram como “infâncias que nos escapam”.

Destaca o autor:

Não preciso acrescentar, pois isso deveria estar óbvio, que essa nova ênfase no descarte das coisas – em abandoná-las, se livrar delas – e não na sua aquisição se encaixa bem na lógica de nossa economia orientada pelo consumo. As pessoas apegadas às roupas, computadores, celulares e cosméticos de ontem representariam um desastre para uma economia cuja principal preocupação, e condição sine qua non para sua existência, é a rapidez com que os produtos vendidos e comprados são jogados fora (BAUMAN, 2007, p. 108).

É observável que esse “tempo líquido” ou “tempo das incertezas”, como caracteriza o autor, exerce influência constante sobre a infância contemporânea, estimulando o descarte, o consumo excessivo, levando a criança como “modelo” ou atrativo para chamar novos compradores e consumidores, visando à preocupação com coisas supérfluas, modo de ser e estar, deixando para trás a real preocupação com a existência, com o desenvolvimento infantil.

Assim, essas infâncias que estão nos “escapando”, fugindo do controle do adulto, envolvidas com consumo, mídia e a tecnologia, vêm caracterizando-se por infâncias que não são mais as mesmas, que se modificaram, remetendo-nos à seguinte reflexão: será que a culpa que queremos encontrar fora realmente não está em nós mesmos? Ou melhor, quem ou o que verdadeiramente se modificou?

Talvez, para auxiliarmos nas respostas a estes questionamentos, recorramos às literaturas mais atuais que conhecemos. Porém, poucas vezes nos lembramos de analisar o contexto desse novo tempo de forma eficaz, ou seja, refletir sobre o que estamos auxiliando em constituir como infância, em uma cultura que se caracteriza pelo consumo e pela competitividade, rodeada de informações, incentivadora do descarte excessivo.

Vale ressaltar que, independentemente da época ou lugar, as crianças não deixaram de ser crianças, porém são vítimas desse novo tempo, das ações e reações dos adultos, que, por sua vez, demonstram a “liquidez”

em suas relações humanas, colocando as necessidades dessa nova infância, mais uma vez, em segundo plano.

Afirma Bauman (2007, p. 15):

A vida social se altera quando as pessoas vivem atrás de muros, contratam seguranças, dirigem veículos blindados, portam porretes e revólveres, e frequentam aulas de artes marciais. O problema é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir o senso de desordem que nossas ações buscam evitar.

Nesse sentido, constata-se que as relações que permeiam a criança contemporânea, em “tempos líquidos”, têm deixado para segunda instância as relações sociais, enclausurando-as em um novo tempo, por ora, mais individualista, e, quem sabe, não colocando as interações e brincadeiras, tão fundamentais para o desenvolvimento da criança, em perigo? Cada vez mais erguemos muros, ficamos presos em casa, fazendo parte de “uma sociedade que impõe uma infância que se distancia cada vez mais do brincar com a terra, com a água e com o fogo, elementos que estão presentes na vida ao ar livre” (HORN, 2017, p. 85).

#### 4 SER CRIANÇA NA ERA DA MÍDIA, CONSUMO E TECNOLOGIA: ONDE FICA O TEMPO DE BRINCAR POR BRINCAR?

A mídia tem sido entendida como uma das principais “responsáveis” pelas modificações na face do mundo (MOMO, 2007, p. 56).

Momo (2007), em sua pesquisa, realiza uma leitura de que os sujeitos, bem como as modificações do mundo, sejam vinculados à forma de pensar e atuar da sociedade. Estas estão relacionadas com o que a mídia processa como necessidades fundamentais para a constituição das pessoas.

A autora intitula a mídia como a principal “responsável” pelas influências da concepção de infância contemporânea, desempenhando a função de estabelecer o que se enquadra em tal sociedade, em determinado tempo, sentindo-se excluídos dessas “normativas” aqueles sujeitos que não conseguem acompanhar as mudanças sociais e aquilo que é considerado como “critérios básicos” para intitular-se como “contemporâneo”.

Pensando na infância pós-moderna, isso não é diferente, pois assim como o mundo adulto mostra-se rodeado de “normativas” e “parâmetros” para classificar os sujeitos como “tecnológicos” e “contemporâneos”, diferenciando-os dos sujeitos “analógicos” e “modernos”, a criança também é envolvida por essas novas influências, sendo a mídia uma das principais, que a estimula constantemente ao consumismo, objetivando

envolvê-la em informações, de modo a qualificar e personalizar sua formação enquanto sujeito na sociedade.

Nesse ponto, mostra-se necessário compreender que não há possibilidades de contestar que um dos aspectos que compõem a sociedade contemporânea atualmente é a inclusão do sujeito em um mundo tecnológico, o envolvimento com ele, uma vez que, independentemente da classe social, as crianças estão envolvidas com essas novas linguagens, por meio da televisão, dos celulares, computadores, entre outros.

Dessa forma, as crianças são envolvidas o tempo todo em novas informações que poderão resultar em novas aprendizagens, envolvendo-se com múltiplas linguagens em ambientes diversificados. Quanto a isto, afirma La Rosa (2003, p. 12) que “[...] existem aprendizagens que vão acontecer no contexto informal – certamente nesta situação ocorrem a maioria delas – e que constituem um rico e fundamental repertório de experiências”.

Não queremos de forma alguma punir ou exprimir julgamento quanto aos meios tecnológicos ou ao papel que exerce a mídia quanto à sua marcante influência no consumismo, uma vez que desempenha seu papel e exerce contribuições significativas para o processo da humanidade.

Queremos trazer à tona a seguinte questão, que por variadas justificativas contemporâneas, “modernização”, “falta de tempo”, vem caindo no esquecimento e ficando para segundo ou, quem sabe, terceiro plano: a necessidade de deixar a infância se compor por ela mesma, por meio de diversificadas interações com os outros sujeitos e espaços, principalmente com o meio natural, expressando sua liberdade e essência infantil. Nesse sentido, Barros (2018, p. 7) corrobora essa ideia ao apontar a necessidade de que devemos reconhecer, em qualquer época

[...] o brincar livre como intrínseco à infância, como linguagem essencial por meio da qual a criança descobre e apreende o mundo. Na natureza, a criança brinca através da inteligência de seu corpo e está potente. Ao mesmo tempo, a natureza é ninho e refúgio para momentos de solidão e introspecção.

Caso contrário, ao falarmos sobre infância, cada vez mais incorporamos um discurso permeado por uma essência individualista, subjetiva, associada ao uso excessivo da tecnologia, desorientado do olhar adulto.

São muitas as incertezas, porém tentar encontrar o ponto de equilíbrio é fundamental para estabelecermos relações saudáveis entre as tecnologias e meios eletrônicos (computadores, tablets, celulares, entre outros) e as interações e brincadeiras que a criança necessita

realizar com seu corpo, com outros sujeitos e com o ambiente ao seu redor, em espaços diversificados.

Aqui, referimo-nos a locais em que a criança, independentemente da faixa etária na qual se encontre, possa brincar livremente, imitar, fantasiar e imaginar, sem estar contida em um só lugar ou à frente de uma tela ou aparelho tecnológico, de maneira contida.

É necessária uma análise profunda em relação à criança já que somos partícipes do seu desenvolvimento, pois estamos atentando para uma infância rodeada por informações, sendo constantemente influenciada pela mídia, que busca prendê-la pelo consumo, destacando o individualismo e o materialismo, capturando-a, deixando escapar a significância de “ser criança”, a qual não pode ser substituída e tampouco negligenciada. Esta caracterizada pelo brincar, o interagir livre e espontâneo que são potencialmente latentes dentro de cada criança.

Então fica a seguinte questão: mas com o joguinho do celular, ela também não está brincando? Sim, porém será que este brincar, que também desempenha um papel e garante algumas interações, pode ser exclusivamente substituído pelas experiências e brincadeiras que partem da criação da própria criança?

Sob outro prisma: brincar não é simplesmente só brincar! É aprender a relacionar-se, a construir aprendizagens e autodescobrir-se, servindo para a criança e o adulto. Quanto a isso, Moyles (2002, p. 20) ressalta a importância das interações espontâneas, do contato com a natureza na época contemporânea, afirmando que

O brincar ajuda os participantes a desenvolver confiança em si mesmos e em suas capacidades e, em situações sociais, ajuda-os a julgar as muitas variáveis presentes nas interações sociais e ser empático com os outros. Ele leva as crianças e os adultos a desenvolver percepções sobre as outras pessoas e a compreender as exigências bidirecionais da expectativa e tolerância.

Dessa forma, ao brincar de maneira espontânea, explorando diferentes materiais e diversificados ambientes, a criança vai desenvolvendo suas habilidades físicas, emocionais e intelectuais, diferentemente de um jogo formal, por exemplo, no tablet ou celular, em que “[...] tende a haver maior formalidade e menor facilidade para as pessoas expressarem a si mesmas e suas próprias qualidades.” (MOYLES, 2002, p. 22).

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dialogar sobre a concepção da infância e de “ser criança” na contemporaneidade faz parte de um olhar sensível em propor-se a refletir sobre qual é esse “novo

tempo” sobre o qual tanto temos nos debruçado para tentar compreendê-lo.

Falar sobre a infância pós-moderna é constatar que a infância vem se reinventando e que essa mudança é fruto da influência de diversificados meios (tecnologia, mídia, consumo). Outro aspecto a ser observado refere-se à importância, à valorização desses aparatos para a etapa da infância que são apresentados e reverenciados pelos exemplos do mundo adulto.

Uma questão que não podemos negligenciar: o que a criança quer? Brincar e interagir livremente, se sujar e explorar o mundo que está à sua volta, realizando suas construções, conhecendo seu próprio corpo, seus limites e potencialidades, fatores que não necessitam ser apresentados, pois são latentes dessa etapa. Porém necessitam ser proporcionados e receber o seu devido valor.

Um clique! Por apenas um, tudo é novidade, abre-se um novo mundo, rodeado por informações que, de certa forma, também permitem uma “interação”. Mas será que não estamos esquecendo de oportunizar as principais interações e brincadeiras para a infância?

Hoje não há mais como deixar para trás o envolvimento com elementos da sociedade contemporânea (tecnologias, meios eletrônicos). Porém temos que dialogar, enquanto escolas, famílias, instituições que exercem direta ou indiretamente influência e responsabilidade pelos cuidados e educação das crianças. Isso recai sobre as seguintes questões: Quais são as orientações que damos às crianças quanto ao envolvimento com esse “novo mundo”? Ou esse momento é como uma válvula de escape para que o adulto possa desempenhar outras tarefas? Observo os caminhos que a criança escolhe no mundo virtual? Como a acompanho nesse percurso?

Enquanto responsáveis pela educação das crianças, não podemos nos esquecer de proporcionar a elas momentos para “serem crianças”, serem elas mesmas, deixando-as interagir livremente em ambientes diversificados, resgatando brincadeiras tão fundamentais para o seu desenvolvimento, como pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, permitindo-lhes se autodescobrirem e serem protagonistas do próprio tempo infantil.

Consideramos na contemporaneidade a necessidade de proporcionar momentos para que a criança se descubra, desvende os mistérios do seu corpo, sinta os elementos da natureza, bem como conviva com outras crianças, explorando diferentes ambientes e materiais, a fim de que, gradativamente, sob o olhar do adulto mediador, possa integrar-se e experimentar momentos únicos e ricos de brincadeiras livres, ou seja, interagindo para além da tecnologia.

**REFERÊNCIAS**

BARROS, Maria Isabel Amando de (org.). **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

DORNELLES, Leni Vieira; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Educação e infância na era da informação**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

LA ROSA, Jorge de. **Psicologia e educação**: o significado do aprender. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MOMO, Mariangela. **Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12185>>. Acesso em: 16 maio 2018.

MOYLES, Janet R. **Só brincar?**: o papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.